

É necessário, pois, abalar as consciências, lançar um convite para ultrapassar a porta blindada dos nossos apartamentos, sinal do isolamento protetor e dos medos, eventualmente, até legítimos, a fim de ultrapassarmos o nosso pequeno mundo em direção às "periferias existenciais", onde reside uma multidão de solidões, escreve o cardeal italiano GIANFRANCO RAVASI, prefeito do Pontifício Conselho para a Cultura.



As mutações... LUC DESCHEEMAEKER (cartoonista belga). 2021.

Não nos podemos contentar

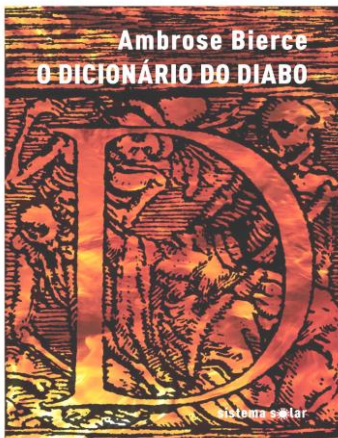
É necessário, pois, abalar as consciências, lançar um convite para ultrapassar a **porta blindada** dos nossos apartamentos, sinal do isolamento protetor e dos medos, eventualmente, até legítimos, a fim de **ultrapassarmos o nosso pequeno mundo** em direção às "periferias existenciais", onde reside uma multidão de solidões, escreve o cardeal italiano GIANFRANCO RAVASI, prefeito do *Pontifício Conselho para a Cultura*, em artigo publicado por *Avvenire*, 02-01-2022.

"*Ano: período de 365 deceções*". É o que diz o verbete '**Ano**' do sarcástico *Dicionário do Diabo*, obra do escritor, jornalista e andarilho norte-americano **Ambrose Bierce**, cuja data exata da morte permanece desconhecida, talvez em 1914, nos campos de batalha da **guerra civil mexicana**. A frase é, obviamente, provocatória e, talvez, tenha o mérito de abafar a retórica dos votos tradicionais, das **ilusões** da propaganda publicitária e política e, até mesmo, a ênfase de uma religiosidade meramente consoladora. Em vez disso, precisamos de nos embrenhar no terreno pedregoso dos dias e das obras, com um **olhar menos sonhador** e com projetos mais **realistas**. Dito isto, no entanto, é melhor não optar por uma deriva **pessimista**, alimentada, também, pela marcha incessante da pandemia e das **crises sociais**.

Na verdade, terminada a tempestade, nunca chegaremos a saber como a conseguimos atravessar, nem mesmo se ela, realmente, acabou. Haverá, no entanto, uma certeza: ao sairmos desta tempestade, não seremos mais os mesmos de quando nela entrámos. Será, pois, melhor não extinguirmos do nosso coração todos os desejos e expectativas, nem dispersar todos os sonhos: perderíamos a **vontade de viver**, e ser-nos-ia arrancada da alma a semente da felicidade. Se, ao invés, escavarmos a fundo na sociedade, veremos alargar a

área da indiferença resignada, sobre a qual o **papa Francisco** cunhou o lema fulgurante da "globalização da indiferença".

Paradoxalmente, esta é mais extensa que a sangrenta, da violência, que nunca se farta de vítimas, de tragédias dos migrantes no nosso mar, "cemitério sem lápides", ou das brutalidades contra as mulheres e as crianças.



Dominando o horizonte cinzento desta **superficialidade** amorfa, há algo mais radical, que é a queda da expectativa no futuro: no máximo entregamo-nos à técnica, às mirabolantes hipóteses da inteligência artificial, às datas ilusórias, cada vez mais postergadas, dos vários **Kyoto, Paris, Glasgow** em relação ao 'futuro' do nosso planeta. Alguns meses

atrás, tive nas mãos o romance **La clé USB** (e o título é emblemático) de **Jean-Philippe Toussaint**, publicado em 2019, em **Paris**. O protagonista observa que, “mesmo com a excelência dos instrumentos de que dispomos, não se pode **prever o futuro**. Como podemos prever algo que ainda não existe?” E, realisticamente, reconhecia que o futuro é “simplesmente um céu imenso, atravessado por um vento mutável, ora calmo, ora tumultuoso, resistente às previsões”.

Apesar disso, devemos repetir para nós mesmos que é possível fazer crescer e brotar sob esse céu uma semente, classificada com um termo pouco utilizado, a esperança. Foi o próprio Cristo quem recorreu a essa imagem vegetal para descrever o reino de Deus por ele inaugurado: “A semente brota e cresce... A terra, por si mesma, produz primeiro a erva, depois a espiga, por último, o grão cheio na espiga” (**Marcos 4,27-28**). Como ensinou um filósofo não crente, Ernst Bloch, com seu **Princípio da esperança**, as religiões, a cultura, o empenho social e humanitário, deveriam ser como um espinho no flanco da humanidade, entorpecidamente, indifferente ou debruçada, apenas, sobre um presente modesto, ou sobre uma *realpolitik egoísta*.

Uma das mais felizes representações da força da esperança, a segunda das virtudes teológicas, foi delineada por outro conhecido escritor francês, Charles Péguy, que dedicou um poema inteiro a essa virtude. Definia-a como a “irmã mais nova” das outras duas mais velhas, a **Fé** e a **Caridade**.

Ora, acontece, muitas vezes, às **crianças** – quando os seus pais se demoram na rua a conversar com conhecidos, ou param diante das montras – puxa-

rem por eles, a fim prosseguirem o seu caminho. A **Fé** não se pode tornar estéril no devocional, nem fechar-se no oásis do sagrado, mas deve progredir no **conhecimento ativo** e na **espiritualidade autêntica**, enquanto o **Amor** deve ultrapassar o sentimento e buscar, nos rostos das pessoas famintas, sedentas, estrangeiras, doentes, prisioneiras e nuas, o próprio perfil de Cristo (**Matheus 25**). É a esperança que infunde este ímpeto.

É necessário, pois, abalar as consciências, lançar um convite para ultrapassar a **porta blindada** dos nossos apartamentos, sinal do isolamento protetor e dos medos, eventualmente, até legítimos, a fim de **ultrapassarmos o nosso pequeno mundo** em direção às “periferias existenciais”, onde reside uma multidão de solidões. Um famoso teólogo, Jürgen Moltmann escreveu no seu ensaio **Teologia da Esperança** (1964): “**Quem espera em Cristo não pode contentar-se com a realidade que nos é dada, mas sofre e tenta contradizê-la. A esperança leva o homem a recusar contentar-se**”, contestando a aquiescência ao mal e à **injustiça**.

O cristão, embora admirando **Ulisses** que parte em busca da pátria perdida no horizonte do passado, junta-se à tribo peregrina de **Abraão** que “partiu sem saber para onde ia”, porque não tinha “aquí uma cidade permanente, mas buscava a futura” (**Hebreus 11,8; 13,14**), cujos alicerces, porém, já estão erguidos no terreno dos dias e das obras presentes, mesmo do ano recém começado.

GIANFRANCO RAVASI, prefeito do Pontifício Conselho para a Cultura, em artigo publicado por **Avvenire**, 02-01-2022.

sejam corajosos!

Entrevista com Jürgen Moltmann

O professor JÜRGEN MOLTSMANN deixou, como poucos, a sua marca na teologia do período pós-1945. Ainda cinquenta e cinco anos após a publicação da sua “*Teologia da Esperança*”, aos noventa e dois anos de idade, ele se mostra cheio de confiança. Um diálogo sobre coragem, libertação, profecia, e sobre uma máquina de escrever de viagem.



O professor **JÜRGEN MOLTSMANN** deixou, como poucos, a sua marca na teologia do período pós-1945. Ainda cinquenta e cinco anos após a publicação da sua “*Teologia da Esperança*”, aos noventa e dois anos de idade, ele se mostra cheio de confiança. Um diálogo sobre coragem, libertação, profecia, e sobre uma máquina de escrever de viagem.

A reportagem é de HANNES LEITLEIN, publicada no caderno *Christ & Welt*, do jornal *Die Zeit*, 18-03-2019.

Na casa dos Moltmann, a entrada é o ambiente onde se recebem as visitas. A partir daqui, podemos entrever os outros ambientes do andar térreo: a sala de estar com vista para o vale de Neckar, a cozinha, o escritório. Dois sofás estão à disposição – como se a entrevista fosse um evento habitual, para o qual se usam os móveis adequados.

Moltmann fala lentamente, mas com precisão. Tinhamos combinado uma hora de conversa, e despedimo-nos após, exatamente, uma hora. Eu achava

que a brevidade da conversa dependeria da energia limitada dele, aos noventa e dois anos. Mas o teólogo mandou às favas a minha suposição: está a planear uma nova viagem à Coreia ainda em março.

Eis a entrevista.

Sr. Moltmann, o seu livro “*Teologia da Esperança*” foi publicado em 1964 e teve um grande sucesso. Desde então, o seu nome ficou, irreversivelmente, ligado à confiança. Houve momentos, na sua vida, em que a resignação tivesse tomado conta do senhor?

É claro! Em 1945, num acampamento de prisioneiros de guerra, na Bélgica, sentia-me tão mal que me apetecia morrer. Um marechal arrastou-me para uma enfermaria. Sobrevivi.

Foi num campo de prisioneiros de guerra, que o senhor chegou à fé.

Estudara as poesias de Schiller e de Goethe. Mas, na lama do campo de prisioneiros, elas nada significavam para mim. Depois, deram-me uma Bíblia de presente. No começo, li os Salmos de lamentação do Antigo Testamento, que deram voz à minha desolação, à minha sensação de estar abandonado por Deus. E Jesus, abandonado na cruz, convenceu-me do amor de Deus.

Os Salmos de lamentação também

não parecem ser particularmente encorajadores.

Mas ofereceram-me palavras para mitigar a minha dor.

Então, a esperança está na resignação?

Não, os Salmos de lamentação expressam o lamento, não a resignação. Ter esperança foi muito difícil para mim, mesmo depois da morte da minha mulher, há dois anos. A tristeza e a felicidade que tive com ela e que continuo a ter, ajudaram-me a ir para além da resignação. Enquanto ela tivesse palavras para expressar a sua dor, não se resignaria.

O senhor tem noventa e dois anos; eu, trinta e dois. O que aconselha a um homem da minha idade, para que não se torne duro e amargurado?

Para que é que você se quer tornar duro e amargurado? Não sofreu nem a guerra nem a prisão. Seja corajoso!

Para muitos da minha geração, porém, o futuro parece bastante inseguro.

A juventude perdeu o espírito de aventura (risos). Quando tínhamos a sua idade, queríamos mudar o mundo inteiro. A esperança, realmente, perdeu força na Alemanha.

E isso é fruto de quê?

Do facto de haver por aí alarmistas, gerando o pânico e prometendo segurança onde ela não existe. Eu venho dos movimentos de renovação dos anos 1960 e 1970. Tínhamos o Concílio Vaticano II, na Igreja Católica, e o movimento dos direitos civis, “*I have a dream*”, com Martin Luther King. Discutíamos sobre secularização e demitização e teologia feminista e teologia da libertação. Portanto, tenho esperança nos jovens, num novo movimento de renovação na Igreja.

Donde lhe vem essa esperança?

Fiquei surpreso e agradecido pelo facto de o Jubileu da Reforma de 2017

ter sido celebrado ecumenicamente. Espero que uma nova onda ecuménica se abata sobre as Igrejas na Alemanha.

Não fica, por vezes, dececionado pelo facto de restar tão pouco daquilo que criou no início? A sua teologia da esperança tem décadas, e não conseguiu impor-se. Em vez disso, vemos por toda a parte, estagnação e insegurança.

Pelo contrário! Observo um fenómeno nos cristãos de todo o mundo – na América Latina, as Igrejas pentecostais; na Coreia, as Igrejas presbiterianas; e, na África, as Igrejas de todas as confissões.

O bem-estar contrasta com a esperança?

Jesus era dessa opinião. Por isso, numa das suas parábolas, o jovem rico vai-se embora triste.

O que significa que, na Alemanha, a fé não terá grandes chances enquanto o país estiver bem?

Não, a fé é independente das circunstâncias. Mas as circunstâncias determinam a Igreja. E estas ainda são privilegiadas. Desde a reviravolta constantiniana, as Igrejas, na Alemanha e em muitas partes do mundo ocidental, têm sido Igrejas de Estado – algo do qual eu, como aposentado, naturalmente, tiro proveito. Mas a Igreja vai perder esses privilégios.

O futuro da Igreja poderá estar numa estrutura de Igreja livre?

Os noruegueses eram luteranos de nascimento. O que levou a Igreja norueguesa e o bispo Eivind Berggrav à resistência contra a ocupação alemã. Se a Igreja Evangélica na Alemanha não tivesse sido uma Igreja do povo, em 1945 não poderíamos ter falado em nome de todo o povo alemão com a declaração de Estugarda de admissão de culpa. Uma Igreja livre fala, apenas, em nome dos seus adeptos, uma Igreja do povo fala em nome de todo o povo. Ambas as coisas têm vantagens, mas a Igreja é formada pelo povo, e não pelos

bispos, nem mesmo pelos sínodos. O povo constitui a Igreja e muda a Igreja.

O povo da Igreja do povo é constituído pelas comunidades, pelas paróquias?

Não, pelo povo inteiro. No Natal, 70% dos habitantes de Tübingen vão à igreja. Nas missas solenes, de oitocentas a mil pessoas vão à igreja colegiada. O cristianismo vive nas suas festividades: Natal, Sexta-feira Santa, Páscoa, Pentecostes.

Tudo o resto poderia ser ignorado?

Não, mas também se deve prestar atenção a isso.

Ao escrever sobre o futuro da Igreja, às vezes, dá a impressão de desejar uma Igreja organizada à maneira de uma Igreja livre.

Não, eu dou valor à comunidade independente. No meu livro, descrevo como funciona bem, na Jakobsgemeinde, aqui, em Tübingen. Há vinte grupos que se encontram nas suas casas, e, todos os domingos, a igreja se enche. É preciso chegar com a antecedência de quinze minutos, se se quiser encontrar lugar. É esse o meu ideal. As superestruturas certamente são bonitas, mas devem estar ao serviço da comunidade independente. Na metade Sul do mundo, está a nascer um novo cristianismo! A Igreja daqui pode aprender muito. São Igrejas que nunca foram Igrejas de estado nem religiões cristãs nacionais. São Igrejas que representam minorias, em países budistas ou xintoístas, em países islâmicos ou socialistas. Na China, as Igrejas domésticas atraem e crescem. Ali, cada fiel pertence a um distrito eclesial, mesmo que nunca vá à paróquia.

Isso significa que, em sua opinião, por exemplo, o imposto para a Igreja também deve ser abolido?

A esperança não está em negar, mas em ver as coisas positivas. A comunidade viva – e há milhares delas na Alemanha, além da Jakobsgemeinde de

Tübingen – regulamenta as suas questões de forma independente. Celebra e organiza o culto sozinha, quando não tem pastor. E as pessoas que se encarregam dela – não gosto desta expressão (Ehrenamtliche) por se referir ao cargo (Amt) – realizam a celebração. Há pessoas suficientemente inteligentes e capazes de fazerem a pregação e explicarem a Bíblia.

Qual dos conceitos prefere?

A comunidade reunida. Todos participam com os seus dons na comunidade. O sacerdócio comum de todos os fiéis deve ser vivido de maneira mais forte pelos evangélicos – e também pelos católicos.

Dedicou o seu mais recente livro ao presidente do Conselho da Igreja Evangélica Alemã, Heinrich Bedford-Strohm. Este é favorável à chamada Teologia Pública, que levanta questões sobre a relevância da teologia para a sociedade e, por isso, está interessada em participar nos debates. Será ela uma adequada “sucessora” da Teologia da Libertação?

Não, a Teologia da Libertação orienta-se para as lutas sociais. A Teologia Pública indica, por sua vez, as comunicações oficiais da Igreja à opinião pública. Às vezes, ambas coincidem, mas não necessariamente. A Teologia Política e a Teologia da Libertação eram proféticas. O trabalho de opinião pública da Igreja, apenas, raramente o é.

Deseja, por vezes, que a Igreja eleve mais alto a sua voz?

Sim.

Escreve que sente necessidade de um “não” muito claro, como, por exemplo, o que a Igreja confessante formulou, na declaração teológica de Barmer, contra a “requisição” de Jesus por parte dos nazis. Mas não deve a Igreja permanecer em diálogo, para assim contribuir para a unidade?

Sim, se quiser criar unidade, deve

permanecer em diálogo. Mas, entre os cristãos alemães e a Igreja confessante não havia unidade. Esta nem sequer era desejada por ambas as partes.

E, transferindo este discurso para hoje, defenderia – como, atualmente, muitas vezes, se pede – que se deve dialogar com a direita?

Sim, eu não falaria com Höcke, mas com Gauland.

Onde estabelece a fronteira?

Aquilo que se torna nacionalista, aquilo que apela à comunidade do povo alemão, faz-me lembrar a minha juventude e o nacional-socialismo. É o que detesto mais profundamente.

A Igreja deve estabelecer limites mais claros nesse campo?

A Igreja Evangélica, no Sínodo do verão de 1945, em Treysa, mudou o seu próprio nome. Até aí, chamava-se Igreja Evangélica Alemã. A partir de então, chama-se Igreja Evangélica na Alemanha. Deste modo, fica marcada a fronteira. Não sou um cristão alemão, mas sim um cristão na Alemanha. A Alemanha é o lugar onde eu vivo, e não o sinal da minha fé. A Igreja universal existe na Alemanha e existe na Coreia, no Brasil, na Nicarágua e na Inglaterra. E os laços ecuménicos tornam-se mais fortes do que os nacionais. A democracia na Alemanha é tão forte que também sobreviverá à AfD (Alternative für Deutschland).

Esse partido não o preocupa?

Parece-me que tudo o que a AfD faz desperta sensações. Não reconheço nesse partido uma alternativa para a Alemanha.

A que se deve o facto de o seu nome ser conhecido para além das fronteiras da teologia e da Igreja, de até mesmo nomes como Helmut Gollwitzer, Hans Küng ou a sua esposa, Elisabeth Moltmann-Wendel, terem importância fora da Igreja, mas ninguém mais co-

nhecer os teólogos ou teólogas hoje, exceto, talvez, Margot Käßmann?

Eberhard Jüngel, Wolfgang Pannenberg, esses sim, eram nomes conhecidos, na minha geração. Também Johan Baptist Metz, o inventor da nova Teologia Política.

E por que razão, hoje em dia, a teologia não se impõe mais, já não é questionada sobre questões controversas, embora seja exercida como Teologia Pública?

Não sei.

Por que razão é que Heinrich Bedford-Strohm não se impõe?

Por ser bispo. Tem de reprimir a sua opinião sobre a paz e o pacifismo, a fim de dar voz à Igreja inteira.

Acha isso correto?

Ele tem uma tarefa diferente da nossa, livres profetas. Se eu tivesse de cuidar de paróquias e igrejas, seria muito mais prudente.

Desejaria que os bispos pudessem ser mais abertos?

Martin Niemöller falou claramente quando era presidente da Igreja em Hesse. Não se irritaram com ele por causa disso.

Talvez isso dependa do facto de a Igreja estar mais atenta ao diálogo, em vez de assumir um lado, como o senhor faz ou como a Teologia da Libertação fez?

Margot Käßmann tomou posição pelo Afeganistão. Fiquei contente em ouvir a sua voz.

Bedford-Strohm, juntamente com o cardeal Marx, deu as boas-vindas aos refugiados na estação de Munique em 2015.

Ficou do lado da decisão de Angela Merkel naquela época, o que lhe rendeu inimizades. Admiro-o por isso.

Desejaria que mais pessoas da Igreja tomassem posições deste tipo?

Sim.

Falemos um pouco de Teologia Política e de algumas questões controversas destes dias: o que diz Jürgen Moltmann sobre os limites de velocidade nas autoestradas?

Vendi o meu carro no ano passado, depois de um acidente, e já não conduzo. Sou decididamente a favor dos limites de velocidade nas estradas estaduais e nas autoestradas.

Poderá isso considerar-se uma limitação de liberdade?

Não, a prudência faz parte da liberdade.

O que diz Jürgen Moltmann sobre a alimentação vegetariana?

Tenho quatro netos, dois seguem uma alimentação veganos, e dois são caçadores. Dois vão caçar animais, dois renunciam à carne.

E o senhor?

Eu também me alimento de carne. Não posso mais aspirar por uma semelhante mudança do meu corpo. Engordei nos anos da fome na guerra e no pós-guerra, e como tudo o que tenho no prato. Como concessão aos meus netos, cultores de uma alimentação veganos, limito o meu consumo de carne e como uma dieta vegetariana às sextas-feiras.

O que diz Jürgen Moltmann sobre uma linguagem não sexista?

Esforcei-me, dei ouvidos à minha mulher e evitei a linguagem machista.

Como é que isso está indo?

Leia os livros da minha mulher e os meus.

Estes são, apenas, três temas sobre os quais se discute, hoje, de forma acalorada. Por que é que estas questões despertam emoções tão fortes?

São temas que já eram discutidos de forma acalorada quando eu era jovem. Tudo se repete. Ficávamos orgulhosos quando o piloto Rosemeyer andava a quase 500 km/h na estrada. As lojas de produtos naturais e ecológicos já existiam quando eu era jovem, hoje são cha-

madadas “lojas orgânicas”. “Todos os seres humanos se tornam irmãos” – essa limitação já foi questionada durante a Revolução Francesa. Todos os seres humanos se tornam irmãos, exceto as irmãs. “*Liberdade, igualdade, sororidade*”.

É o título de um livro da minha mulher – mas fui eu que o inventei.

Em sua opinião, o que mais incidência terá na Igreja Evangélica ou nas Igrejas na Alemanha, nos próximos anos: o movimento mundial pentecostal ou a digitalização?

Nem uma coisa nem outra. O Evangelho e a fé é que incidirão sobre a Igreja.

Sabe que está a ser “substituído” no Twitter [com uma conta falsa]?

Um meu amigo e vizinho mostrou-me as máximas que um farmacêutico de Pforzheim publica todos os dias.

Sabe quem está por trás disso! Já se encontrou com essa pessoa?

Não.

E o que pensa sobre o que lhe estão a fazer?

Não o posso impedir (risos).

Mas não se envolve mais no assunto?

A minha máquina de escrever de viagem já me dá afazeres que bastem.

Vou enviar-lhe o texto da entrevista por fax, para a autorização.

É melhor não. O meu fax já está avariado. Envie pelo correio.

A digitalização desperta-lhe alguma esperança?

Não. Mas não me ocupei a fundo desse assunto.

Acha que o desenvolvimento da digitalização pode vir a desempenhar um importante papel na Igreja?

Tudo o que desempenha um papel importante na vida dos seres humanos, também tem importância para a Igreja.